

# O mês de luta da mulher negra

» BENEDITA DA SILVA  
Deputada Federal (PT/RJ)



8 de março se tornou a poderosa data de referência da luta das mulheres em todo o mundo, mas, no Brasil, ao lado do 20 de Novembro, Dia da Consciência Negra, é também um momento necessário para denunciarmos a condição da mulher negra, que está no centro da opressão e discriminação que atinge a todas.

A chamada Abolição libertou mesmo foi a responsabilidade do Estado com a população negra, tornada livre dos grilhões de ferro, mas não dos grilhões da opressão social. Sem a mínima indenização, sem terra para trabalhar, sem emprego e sem moradia, a população negra foi entregue à própria sorte.

Consequência direta disso, agravada pelo racismo estrutural, é o povo negro sendo maioria na base da pirâmide social. Segundo dados de órgãos oficiais, dos 10% mais pobres em nosso país, 76% são negros e negras; dos 13,5 milhões de brasileiros que vivem em extrema pobreza, 10,1 milhões declaram-se de cor preta ou parda; e do total das pessoas assassinadas, anualmente, o percentual daqueles de cor preta e parda nunca fica abaixo de 70%.

No interior dessa desigualdade racial, é a mulher negra quem sofre o triplo preconceito: racial, social e de gênero. Além de o negro ganhar menos do que o branco pelo mesmo trabalho, a mulher negra ganha menos que o homem negro, por causa do machismo dominante na sociedade. E é a primeira a ser demitida.

A violência contra a mulher atinge, em primeiro lugar, a mulher negra. Durante o isolamento social da pandemia, o Brasil contabilizou 1.350 casos de feminicídio em 2020, segundo o

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. A maioria (61,8%) era negra.

Diante dessa situação social hostil à população negra, rejeitada pela sociedade apenas pela cor da pele, foi a mulher negra que se tornou o centro da família, sua principal provedora, a organizadora social da solidariedade comunitária e da proteção dos filhos.

E a mulher negra conseguiu fazer tudo isso trabalhando como empregada doméstica sob condições precárias, legado da escravidão e do racismo. A maior categoria profissional do país é justamente a dos trabalhadores domésticos, que, em sua grande maioria, é constituída de mulheres negras.

Cabe citarmos a justa apreciação da respeitada líder feminista negra estadunidense, Angela Davis, que disse: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Davis ainda chamou a atenção para o papel do movimento organizado bem-sucedido das trabalhadoras domésticas no Brasil, acrescentando que a liderança das mulheres negras brasileiras “enfaziza o coletivo e as comunidades onde vivem”.

Essas observações de Angela Davis contêm uma grande verdade, pois sentimos de fato essa força da mulher negra na família dos segmentos mais vulneráveis, naquilo que ela representa na realidade diária do povo negro, e de nossos filhos, sempre ameaçados, quando não executados pela violência armada do racismo institucional.

Sofrendo racismo desde o nascimento, mas também estimulados pela força de suas famílias, muitos negros e negras criaram o

movimento negro para lutar por emancipação, dignidade e igualdade racial.

Vencendo obstáculos que pareciam intransponíveis, elegemos uma pequena mais aguerida bancada negra na Constituinte e inserimos na Constituição o racismo como crime inafiançável.

O movimento negro não quer apenas se defender das práticas do racismo, mas, sim, eliminar suas raízes estruturais. Por isso, lutamos para conquistar, cada vez mais, direitos democráticos e sociais, como foram a política de cotas nas universidades públicas, os programas Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida, nos quais os beneficiários eram precisamente as mulheres chefes de família, e a PEC das Domésticas, iniciativa na qual fui a relatora da proposta, sendo aprovada pelo Congresso e sancionada pela presidenta Dilma Rousseff.

O golpe do impeachment e, sobretudo, este governo de ódio racial representam o maior desafio do momento para a população negra, que nas pesquisas manifesta os mais altos índices de rejeição ao neofascista Bolsonaro.

O povo negro nunca teve “vida fácil” e enfrenta esse momento extremamente difícil com esperança de mudança política para continuarmos avançando na luta pela igualdade racial e de gênero.

Destaco nesse artigo a força da mulher negra, porque não há possibilidade de o Brasil democrático e popular libertar-se da opressão social e racial sem a consciência e o protagonismo desse segmento que desenvolveu enorme resistência e resiliência durante séculos de escravidão e exclusão social.

## Raidinho de pia

» JOSÉ HORTA MANZANO  
Empresário e blogueiro

Talvez você já tenha assistido a algum filme ambientado nos anos 1940, numa França ocupada pelas tropas nazistas. Era um tempo sem internet, sem redes sociais, sem telefone celular. Até telefone fixo era raro. A circulação da informação era controlada. Nenhuma notícia corria antes de passar pela censura dos ocupantes.

O único meio de receber informação verdadeira e não deformada pela propaganda nazista era escutar emissoras estrangeiras pelo rádio. Jornais e estações de rádio francesas, submetidas ao controle alemão, não traziam informação confiável. Eis por que o invasor proibia terminantemente escutar estações estrangeiras, principalmente a BBC de Londres, que transmitia em ondas curtas — e em francês.

No escurinho do porão, escondido atrás de trastes velhos, lá estava ele, a única porta de saída daquele mundo sombrio: o rádio de ondas curtas. Em volume baixo, luzes apagadas, a família se reunia para escutar a BBC transmitindo o noticiário especialmente destinado à população francesa.

As quatro primeiras notas da *Quinta Sinfonia* de Beethoven serviam de vinheta do “jornal falado”, que era como se dizia à época. Com fundo de ruídos típicos de ondas curtas, lá vinha a voz do “speaker”: Ici Londres! — Aqui Londres!

Em roda, fazia-se silêncio respeitoso. Era hora das notícias verdadeiras. Todo cuidado era

pouco para não deixar nenhum vizinho perceber o que estava acontecendo. Uma denúncia, mesmo anônima, podia levar todos para a cadeia ou direto para um campo de concentração, que o crime era grave.

O povo russo, nesses dias de lavagem cerebral, doutrinação, censura da mídia e crescente restrição de acesso à internet, está na situação dos franceses de 1940. As grandes estações internacionais de tevê que transmitiam em russo (da Inglaterra, da Alemanha, da França, por exemplo) foram banidas do panorama audiovisual. Com a mídia nacional contaminada pela mão pesada do Kremlin, o que é que sobrou?

Pois pasmem! A BBC reativou suas transmissões de rádio em ondas curtas, em língua russa, especialmente dirigidas ao desinformado povo de Putin. Não sei se ainda serão muitos a possuírem um velho radiozinho de pilha (ou “raidinho de pia”, como se diz na fala popular da minha terra).

Não sei se o distinto leitor ainda guardou — no porão, na garagem ou no fundo do gavetão de bugiganga — um rádio velho. Que seja de pilha ou não, o importante é que pegue ondas curtas. Convém verificar. Sabe por quê?

O “causo” é o seguinte. Nesta altura do campeonato, tudo indica que o próximo presidente do Brasil será um dos dois candidatos que polarizam as pesquisas: Bolsonaro (de novo!) ou Lula (de novo!). Nove fora, a cristalização do atraso

que os dois representam, resta o fato de ambos terem como meta o controle da informação.

Bolsonaro se orgulha de ter cancelado a assinatura de todos os jornais de seus palácios e ministérios. Faz três anos que tenta estrangular a imprensa, pisoteando todos com exceção daqueles que lhe joguem flores. Reeito, há de se sentir forte e periga tentar seguir o exemplo de Putin e de Maduro: calar a mídia e controlar a internet para eternizar-se no poder.

Lula nunca escondeu sua intenção de aplicar censura à informação, objetivo que ao qual ele dá o poético nome de “controle social da mídia”. Nesta época de pré-campanha, voltou ao assunto em mais de uma ocasião. Não desistiu nem dá mostras de que desistirá. Eleito, há de se sentir forte e periga tentar seguir o exemplo de Putin e de Maduro: calar a mídia e controlar a internet para eternizar-se no poder.

Portanto, se eu fosse o distinto, pensaria em deixar o raidinho desde já desempoeirado, consertado e pronto para o que der e vier. Talvez seja melhor não comentar com ninguém. Em tempo de censura, as paredes têm ouvidos.

Meu conselho está parecendo desvario sem sentido, verdade? Pois tenha em mente que, poucas semanas atrás, o mundo inteiro achava que a invasão de um país europeu soberano por tropas de uma potência nuclear era pesadelo de épocas passadas, sem chance de voltar a ocorrer. Estavam todos enganados.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Buraco de Tatu

Por suas consequências imprevisíveis, um erro de estratégia cometido por apenas um indivíduo, do alto do Monte Olimpo de seu próprio ego, poderá levar à extinção da vida, como a conhecemos, em todo o planeta. Aliás, essa é uma das questões que atormenta a humanidade desde os primórdios da civilização: como pode um indivíduo, decidir o destino de bilhões de outros? Milhares de anos de história do homem no mundo, com todo aprendizado que acumulou ao longo dos séculos, essa é ainda uma incógnita sem solução.

É uma questão a ser resolvida o mais urgentemente possível, para pôr fim à escalada da guerra que Putin declarou à Ucrânia. O que os analistas dos mais diferentes matizes ideológicos e, principalmente, aqueles que acompanham de perto o conflito, é que o poderoso Exército russo parece ter caído numa espécie de areia movediça, afundando cada vez mais e a cada movimento.

Muitos comandantes parecem perceber que tomar a Ucrânia no braço, na bala e em poucos dias, como estava programado no início da invasão, é uma tarefa impossível. Mesmos os bombardeiros cegos, contra alvos e população civil, como meio de baixar o moral dos ucranianos, parecem não surtir efeito.

De fato, Putin encontrou o que buscava há anos: seu Vietnã, atolando centenas de milhares de soldados numa guerra sem fim, cujo desfecho, caso o ditador russo resolva essa parada com um artefato nuclear, significará uma vitória de Pirro, obtida a alto preço, com a perda de milhares de vidas. Os benefícios da conquista ficarão sempre aquém das perdas e prejuízos. Essa, inclusive, poderá ser a derradeira batalha em que se mete o tirano eslavo.

Seu prestígio pessoal e daqueles que interessadamente o apoiam internamente é igual a zero no lado ocidental do planeta. Mesmo para a China, que apoia esse e outros ditadores como Kim Jong-un, da Coreia do Norte, Putin vem se tornando um peso difícil de carregar. O pior nessa história toda e que parece ter início numa noite mal dormida do presidente da Rússia é que o efeito dominó, provocado pela invasão a um país democrático e soberano, vem provocando uma corrida, sem precedente, desde a Segunda Grande Guerra, aos armamentos.

Países, como Alemanha, que se acreditava nunca mais pensar em armas de guerra, afirmam que investirão bilhões de euros em produtos bélicos. Do mesmo modo, o Japão vem reforçando seu poderio militar. O mesmo para a maioria dos países que fazia parte do bloco da antiga União Soviética, todos assustados com as possibilidades reais de futuras invasões. A essa altura dos acontecimentos, fica claro que a resistência dos ucranianos se deve muito aos investimentos dos Estados Unidos no treinamento e no fornecimento de armamento para seus exércitos.

O envolvimento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) no episódio mostra que existe uma escalada da guerra que agrega outros atores. Isso indica não só um agravamento do quadro, mas uma possibilidade de a crise se estender por muito tempo. As vias de fato, envolvendo muitos países diretamente nesse conflito, virá quando for percebido que os resultados do bloqueio econômico e das retaliações não surtirem o efeito desejado.

Nós, que nos encontramos aqui no Planalto Central do Brasil e a milhares de quilômetros de distância desse conflito, temos, forçosamente, de ficar preocupados com os efeitos dessa guerra. Caso o conflito resulte na utilização de armas nucleares, não haverá buraco de tatu ou de coruja, por mais profundo que seja, para nos esconder e abrigar.

### » A frase que foi pronunciada

“Não vamos desistir e não vamos perder, vamos lutar até o fim... custe o que custar.”

Volodymyr Zelensky da Ucrânia (2022) e Winston Churchill (1945)

### Falta aluno

» Até o próximo dia 31, o Jardim de Infância 21 de abril está aceitando crianças do segundo período, com 5 anos completos. A demanda está baixa. A escolinha fica na Entrepada 708/908 Sul. Contato: 995756526

### De olho

» Região de proteção ambiental sob a jurisdição do Paranoá está sendo invadida. Cercaram e destruíram o cerrado. Moradores da região vão formalizar a denúncia aos órgãos competentes. É hora de a população participar da proteção da cidade.

### Celeuma

» Por falar nisso, moradores estão de lupa na Luos. O deputado distrital Eduardo Pedrosa elaborou emendas que autorizam escolas em residências e, em breve, serão votadas em plenário. Manifestem-se enviando um e-mail para o deputado ([dep.eduardopedrosa@cl.df.gov.br](mailto:eduardopedrosa@cl.df.gov.br))

### » História de Brasília

O professor Soriano Neto, que diz em, inspirou o desenhista Péricles a criar o Amigo da Onça, foi, ontem, exonerado do cargo de diretor da Faculdade de Direito do Recife. (Publicada em 20/2/1962)